

Jataí, 06 de abril de 2021.

Querida Adriana Delbó,

É uma felicidade imensa poder participar de uma oficina ministrada por você, depois de alguns anos desde que conclui meu ciclo na Faculdade de Filosofia na UFG. Outro grande prazer foi ser mobilizado a retomar o livro Filosofia: entre o ensino e a pesquisa – Ensaaios de formação. Já se vão quase dez anos desde que foram escritos os artigos que compõem o livro.

Como as coisas transformaram no decorrer desta década, não é mesmo? As mudanças são notáveis em diversas escalas: o agravamento da massificação cultural, o consumismo e o avanço do conservadorismo, em escala global; a precarização dos serviços públicos, em escala nacional; a aceleração da devastação do Cerrado, em escala regional. E na escala do sujeito, então? Quanta transformação!

Desde que conclui o mestrado, em 2014, atravesso uma crise epistêmica que alterou minha trajetória. Terminei o curso com a sensação de que, quanto mais me tornava versado em culturas eruditas, mais abandonava as heranças de saberes de outras matrizes, adquiridas em uma criação simples e interiorana, em uma família e comunidade de pessoas com multiplicidade étnica e detentoras de sabedorias e culturas que estão em extinção (epistemicídio)!

Naquele momento não via a possibilidade de seguir meus estudos em filosofia acadêmica. Ingressar no doutorado em Filosofia para pesquisar saberes originários de outras fontes que não a cultura europeia me parecia impossível (hoje vejo que alguns/mas colegas romperam essas barreiras). Tampouco tinha o interesse e fôlego em prosseguir.

Imerso que estava na riqueza cultural das periferias das metrópoles, na luta social e nas experiências cotidianas em busca de um modo de vida menos alienado, onde minhas energias físicas e intelectuais pudessem ser direcionadas não para alimentar o capitalismo, mas para materializar utopias libertárias. Dentre os clássicos gregos quem me inspirava era Diógenes Sinope. Mas a corrente cínica ainda teria espaço no mundo e na filosofia contemporânea?

Nesse processo de ruptura epistêmica me envolvi (e me envolvo) profundamente em projetos culturais e autogestionários nas periferias. As dinâmicas contraculturais me

conduziram à Argentina, Buenos Aires, onde passei os anos de 2015 e 16, vivendo coletivamente em uma casa ocupada, trabalhando como *cartonero*.

Nesse período ouvi rumores de que havia ocorrido um golpe político no Brasil e que as coisas não iam bem. Mesmo sem compreender bem o que estava acontecendo, senti a necessidade de regressar. Além da notícia de uma iminente crise política e social sem precedentes no nosso país, estar fora do território em que nasci e que adquiri vínculos de territorialidade, contribuiu para a decisão de retornar para o lugar onde primeiro aprendi viver. O único recurso que tinha foi fazer a viagem em bicicleta (também era um desejo antigo). No trabalho da reciclagem e com a ajuda de amigos, montamos bicicletas e viemos, eu e dois amigos (apenas um completou a viagem comigo), em direção ao Brasil central.

O trajeto da viagem foi emblemático, pois possuía uma unidade geográfica, compunha uma região, uma bacia hidrográfica. Percorremos quase toda a bacia do rio Paraná (e quase metade da do rio *de la Plata*). Saímos de Buenos Aires em direção à Rosário, foz do rio Paraná com o *de la Plata*, percorremos boa parte rio acima pela margem direita, quando atravessamos as províncias de *Santa fé* e *Chaco*. Em *Chaco* cruzamos o rio para a outra margem, na cidade de *Resistencia*. Do outro lado do rio é a província de *Corrientes*, que percorremos pela margem esquerda do Paraná até chegar à província de *Misiones*. Aí deixamos as planícies e começamos a ganhar altitude, *em las sierras de Misiones*, em sentido ao planalto central, cumieira do nosso subcontinente.

Margeando o rio Paraná cruzamos a foz do Iguaçu na tríplice fronteira. Rapidamente atravessamos para a margem direita do Paraná, para conhecer a *Ciudad del Este*, no Paraguai, magnífica terra onde o idioma mais falado é o Guaraní. De volta à margem esquerda do rio, no sudoeste do estado do Paraná, seguimos ganhando altitude em direção ao norte daquele estado.

Na foz do rio Paranapanema cruzamos para o estado de São Paulo, no outro dia atravessamos para a margem direita do rio Paraná e continuamos a acompanhar sua margem atravessando a parte leste do estado do Mato Grosso do Sul. Na junção dos rios Grande e Paranaíba, formadores maiores do Paraná, que é o segundo maior rio em extensão da América do sul, e que percorremos por inteiro em bicicleta, seguimos pela margem direita do Paranaíba, até a foz do rio Aporé, divisa do estado do Mato Grosso do Sul com Goiás. De Cassilândia, município limítrofe, tomamos um ônibus, e cruzamos

ainda os rios Corrente e Verde, importantes rios do sudoeste de Goiás e que desaguam no Paranaíba.

Descemos em Jataí, cidade situada às margens do córrego homônimo, que desagua no rio Claro, importante afluente do Paranaíba. Depois de um descanso seguimos, novamente em bicicleta, e cruzamos os rios Turvo, Capivari, dos Bois e Meia Ponte, todos afluentes do Paranaíba, e fomos em direção à Goiânia.

Relato este trajeto porque o encaro como um marco em minha vida. Uma importante pesquisa de campo que me ajudou a fundamentar pensamentos que julgo serem filosóficos, mas que estão, ao mesmo tempo, profundamente relacionados como espaço, os territórios, a geomorfologia, a geografia, mas também com a história, sociologia, antropologia e arqueologia. Percorrendo essa extensa bacia hidrográfica, contemplando-a em seus pormenores, pude testemunhar a biodiversidade, bem como as diversidades climáticas e de formações geológicas, ao mesmo tempo em que pude notar o avassalador processo de homogeneização das paisagens, de substituição da biodiversidade natural pela mesmice da monocultura, que promove a extração da riqueza local e a substitui por culturas exógenas, que só sobrevivem através da intervenção química.

A mesma diversidade e o mesmo processo de homogeneização pode ser percebido quanto às culturas humanas (análogo aos insumos que propiciam a cultura de plantas exógenas, o ar condicionado é um dos insumos que propicia a cultura europeia em solos tropicais). Diversidades de modos de ocupação, de gêneros de vida humana, também compõem a biodiversidade. A biodiversidade entre os seres humanos também está ameaçada. Me parece que há uma monocultura quanto à humanidade, e esta monocultura é eurocentrada, branca, heterossexual e patriarcal. A ciência moderna e a tecnologia é gerada para manutenção desta monocultura e tenta extirpar, sub-hierarquizando, as culturas originadas de matrizes diferentes. Por fortuna, a esse processo há re-existências, e ao mesmo tempo em que se impõem as colonialidade, as culturas eurocentradas, o povo se reinventa e reproduz os resquícios de outras matrizes culturais.

Tantos quanto são as diversidades faunísticas e florísticas e as diferentes formações geomorfológicas, seriam as possibilidades de desenvolvimento agropecuário para manter a vida humana. A preguiça europeia em compreender as diferenças, impõe a monocultura. Tantas também são as possibilidades de perspectivas, de pontos de vista, de olhares para interpretação da existência e do mundo, múltiplas são as possibilidades de filosofias a

partir de cada um desses pontos de vista. A imposição da colonialidade, da homogeneidade cultural, mata, ou tenta matar, as outras possibilidades epistêmicas.

Esta longa digressão tem também o objetivo de relatar a brusca transformação que pude sentir no decorrer dos dez anos que separam a escrita dos artigos do livro, com o dia de hoje. Antes de ter feito aquela viagem, em 2015, me sentia reconhecido pela comunidade ao meu entorno como um ativista, um pensador, alguém que, dotado e em busca de bagagem cultural, tinha algum valor para a sociedade, até mesmo monetário, pois não era difícil viver cultivando pensamentos, seja pela via acadêmica, seja por outras vias, como a venda de camisetas artesanais com mensagens libertárias, que durante alguns anos foi meu sustento e de outras pessoas envolvidas com o projeto. Após o golpe de 2016 a coisa ficou diferente. Senti o desprezo das pessoas, me tornei, aos olhos do cidadão de bem que saiu do armário com as propagandas midiáticas anti-PT, um vagabundo, um marginal, imprestável. Ainda me arrastei por dois anos tentando viver autonomamente em Goiânia, morando em uma casa ocupada que foi, por algum tempo, um belo centro social, as vezes trabalhei com capoeira, as vezes vendi camisetas, até que a situação ficou insustentável.

Foi então que decidi retomar a vida acadêmica, buscar um vínculo institucional para seguir fazendo o que mais me motiva, pensar o mundo, a existência e criar possibilidades menos perversas de amanhã. Nesse processo encontrei uma companheira que vivia angústias parecidas e decidimos ter um filho juntos. Viemos viver em Jataí, minha terra natal, onde ingressei no doutorado em Geografia (não tem sido fácil, pois por estar a mais de cinco anos sem vínculo acadêmico, não possuo currículo que me garanta acesso a bolsa de estudos, além de a mudança de disciplina ser um processo muito complicado).

A escolha por geografia foi um acaso nada casual. Por ser o único curso de doutorado em ciências humanas nesta cidade, é a opção natural. Ao mesmo tempo e, por outro lado, as respostas para minhas inquietações filosóficas indicavam que a alternativa à homogeneização cultural eurocêntrica é o vínculo territorial do sujeito que pensa, seu lugar de enunciação, sua localização no mundo, e os processos que o atingem ali, naquele lugar. Os conceitos e categorias da geografia têm me auxiliado muito na compreensão desses problemas, e o espaço ocupado pelo sujeito do pensamento não me parece categoria efêmera na criação filosófica.

Deleuze e Guattari escreveram sobre a Geofilosofia, sobre cartografia conceitual, sobre territorialização, desterritorialização e reterritorialização do pensamento. Mais que um

espaço no mundo conceitual, as ideias e pensamentos ocupam um lugar no mundo concreto (e isto Schopenhauer já ensinava, a interpretação filosófica do mundo só é possível porque o sujeito do pensamento está enraizado no mundo, pode sentir o mundo em si). O lugar em que se territorializa o sujeito que concebe o pensamento, por maior que seja sua pretensão de universalidade, seu desejo de visualizar o fenômeno de fora, objetivamente, o pensamento emerge de um lugar e é resultado de processos que atingem um ponto no tempo e no espaço.

Quando iniciei a escrita desta carta a minha intenção era a de escrever um artigo, dialogando com o texto que você publicou no livro *Filosofia: entre o ensino e a pesquisa*. Quis conversar com os pensamentos que você materializou a partir de um ponto no espaço e tempo e, pelo milagre da escrita, deixou como colaboração para o desenvolvimento de pensamentos em outros pontos espaço-temporais.

Seu artigo, *Tramas da filosofia: entre o pensamento e a avaliação*, publicado há quase dez anos, em outro momento d seu filosofar, hoje e agora me oferecem profundas contribuições para compreender e interpretar o processo que estou narrando nessas linhas, ainda confusas, em busca de expressão mais adequada.

Quando você caracteriza o filosofar como movimento do pensamento, que se dá pelo repisar de espaços já ocupados, mas também no ocupar de espaços ainda não ocupados, esta ideia pode ser remetida à geofilosofia, ao espaço ocupado pelo conceito em suas dinâmicas. Mas o espaço ocupado pelo conceito não é apenas algo abstrato, do mundo das ideias, o posicionamento de um pensamento em relação a outros conceitos, mas também ao espaço concreto, aos espaços ocupados pelos sujeitos que concebem os pensamentos, influenciados por forças concretas e de identidade que compõem o espaço (território, territorialidades, lugar, paisagem, são conceitos para designar distintos modos de se considerar um recorte espacial e as nuances que se quer destacar).

Marcelo Lopes de Souza afirma que o pensamento possui um solo ideológico, mas também é fruto de uma atmosfera biográfica. As filosofias que selecionamos para fundamentar nossos pensamentos (bem como teorias de outros campos do saber) compõem o solo ideológico sobre o qual situa o pensamento, a localização dos conceitos criados no mapa conceitual. Mas o ambiente que formou e forma o sujeito que pensa, assim como as ideologias que influem de maneira inconsciente, transparecem no conteúdo do pensamento.

Se olhar é uma posição de quem avalia, conceber um pensamento também se faz a partir de uma posição. No caso de pensamentos concebidos por sujeitos formados em países colonizados, a tensão entre a imposição da colonialidade do saber (Quijano), os epistemicídios (Boaventura Santos), e as re-existências (Porto-Gonçalves) das contraracionalidades (Milton Santos), fornecem uma atmosfera biográfica peculiar, que deve ser valorizada e não devastada pela monocultura epistêmica. São fontes de criações e de pensamentos que ocupam espaços não pisados pela tradição filosófica.

Se o pensamento, para ser filosófico, precisa estar assentado sobre o solo da tradição filosófica, há que se questionar, como faz W. Mignolo, se filosofia é apenas a interpretação de mundo elaborada a partir dos recursos epistêmicos delegados pela esteira da tradição grega e reivindicada como herança cultural europeia, ou se interpretações e explicações de outras matrizes também podem ser consideradas tradição filosófica (como fez Schopenhauer em relação ao pensamento oriental).

Se o solo da tradição filosófica é somente o legado grego e o que fizeram dele os seus herdeiros europeus (e os que pensaram a partir dessa linhagem específica), há que se combater a suposta superioridade da filosofia frente a outras manifestações humanas, e aprender a ouvir e permitir a incorporação de saberes de outras matrizes, como as africanas, indígenas e mestiças. É importante levar em conta, também, que os primeiros filósofos gregos, como Tales, Pitágoras, Empédocles e outros, foram discípulos da sabedoria egípcia e oriental, e que não erigiram seus pensamentos do nada.

Por melhor que o filósofo aprenda a ver, que adquira mobilidade no olhar, o faz sempre a partir da posição que ocupa, e esta posição oculta pontos de vista e valoriza outros. Por isso é primordial que o pensador exponha para si e para os outros, em um trabalho de autocrítica, o seu lugar de enunciação. Os privilégios que permitiram atingir aquela formulação, assim como as opressões que impedem que se veja de outra maneira, mas que suscitam uma mirada particular. Junto à questão da localização, é fundamental que o olhar interpretativo explicita as questões de classe, gênero e étnicas envoltas no pensamento, pois a suposta neutralidade e universalidade da ciência moderna (de onde brota boa parte da tradição filosófica), se assentou sobre colonialismos, racismos e patriarcados.

Agradeço imensamente a oportunidade de dialogar com você, Adriana, seja com o seu pensamento elaborado há dez anos, seja com você no presente (espero suscitar

continuidade, por meio desta carta). Para mim você foi e é uma pessoa muito qualificada e responsável no ato de avaliar, o que contribui muito com meu processo de movimento do pensamento, por isso me exponho para ser julgado sob o seu olhar, sem medo de que percebas minhas incompletudes, contradições e incoerências, afinal, é com a avaliação do outro que nos detemos sobre o pensamento e melhoramos a sua expressão.

Um abraço afetuoso,

Eduardo Ferraz Franco.